

TEXTO: 1 - Comum à questão: 1

NOMES DO HORROR

¹ Uma reportagem de Philip Gourevitch na revista *New Yorker* mostra como, vinte anos depois ² da guerra de Ruanda, ocorrida em 1994, quando hutus assassinaram 800 mil tutsis em cem dias, ³ ainda é difícil chegar a um consenso sobre como chamar o que aconteceu.

⁴ O país discute se a melhor palavra para tanto está na língua local, na língua dos colonizadores, se ⁵ basta precisão verbal (“gutsemba”, “massacrar”) ou se é preciso a redundância de um neologismo ⁶ (“gutsembatsemba”, “massacrar radicalmente”) para descrever os atos de uma tragédia absoluta.

⁷ Debates semelhantes acompanham qualquer trauma coletivo. Há grupos judaicos que rejeitam ⁸ a expressão consagrada “holocausto”, com seu caráter sacrificial, de expiação de pecados, em ⁹ nome da menos ambígua “shoah” (“calamidade”, “aniquilação”). Na Turquia, ainda é tabu usar ¹⁰ “genocídio” para a matança armênia iniciada em 1915. No Brasil, dá-se algo semelhante na luta ¹¹ pelo reconhecimento do que foi e é praticado contra comunidades indígenas.

¹² De qualquer forma, são batalhas pequenas dentro de uma guerra longa e difícil, de transmissão ¹³ da memória para que o horror não se repita. Palavras são a primeira arma das vítimas de tentativas ¹⁴ de extermínio, às vezes a única, e é preciso chegar a um modo eficiente – que não se resuma ¹⁵ a *slogans* com vocabulário chancelado – para que elas não traiam a natureza do que se viveu.

¹⁶ Ou seja, é preciso saber narrar. Discursos facilmente se banalizam, tornam-se solenes, sentimentais ¹⁷ em excesso, causando o efeito contrário do que pretendem. Chegar à sensibilidade do público, ¹⁸ causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolença, ¹⁹ demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos. A mensagem não é nada sem um receptor ²⁰ disposto a entendê-la, por mais pungentes* que sejam as vítimas.

²¹ Como isso não é comum, o que ocorreu em 1994 continua sendo apenas um item numa ²² lista atemporal e universal de genocídios, holocaustos, limpezas, extermínios, calamidades, ²³ aniquilações, massacres e gutsembatsembas.

Michel Laub

Adaptado de *Folha de São Paulo*, 09/05/2014.

*pungentes: comoventes

01. (UERJ) *Chegar à sensibilidade do público, causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolença, demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos.* (Refs. 17-19)

Transcreva dois outros elementos, presentes no penúltimo parágrafo, que seriam necessários para “chegar à sensibilidade do público”, além da reprodução da verdade dos fatos.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 2

No romance *A caverna*, narra-se a história de um artesão que passa a ter sua produção rejeitada pelo megacentro econômico que monopoliza o comércio da cidade. A anulação do trabalho manual pela tecnologia, bem como a exploração destrutiva do homem e da natureza pelo capitalismo, são temas que permeiam a narrativa. Neste fragmento, você vai acompanhar a cena em que o protagonista volta para casa, no campo, depois de viver na cidade, em busca de trabalho.

TEXTO I

A caverna

Enfim, a cidade ficou para trás, os bairros da periferia já lá vão, daqui a pouco aparecerão as barracas, em três semanas terão chegado à estrada, não, ainda lhes faltam uns trinta metros, e logo está a Cintura Industrial, quase tudo parado, só umas poucas fábricas que parecem fazer da laboração contínua a sua religião, e agora a triste Cintura Verde, as estufas pardas, cinzentas, lívidas, por isso é que os morangos ⁰⁵devem ter perdido a cor, não falta muito para que sejam brancos por fora como já o vão sendo por dentro e tenham o sabor de qualquer coisa que não saiba a nada. Viremos agora à esquerda, lá ao longe, onde se vêem aquelas árvores, sim, aquelas que estão juntas como se fossem um ramallete, há uma importante estação arqueológica ainda por explorar, sei-o de fonte limpa, não é todos os dias que se tem a sorte de receber directamente¹ uma informação destas da boca do próprio fabricante. Cipriano Algor já perguntou ¹⁰a si mesmo como foi possível que se tivesse deixado encerrar durante três semanas sem ver o sol e as estrelas, a não ser, torcendo o pescoço, de um trigésimo quarto andar com janelas que não se podiam abrir, quando tinha aqui



este rio, é certo que malcheiroso e minguado, esta ponte, é certo que velha e mal amanhada², e estas ruínas que foram casas de gente, e a aldeia onde tinha nascido, crescido e trabalhado, com a sua estrada ao meio e a praça à desbanda³ (...) A praça ficou para trás, de repente, sem avisar, ¹⁵apertou-se-lhe o coração a Cipriano Algor, ele sabe da vida, ambos o sabem, que nenhuma doçura de hoje será capaz de minorar o amargor de amanhã, que a água desta fonte não poderá matar-te a sede naquele deserto, Não tenho trabalho, não tenho trabalho, murmurou, e essa era a resposta que deveria ter dado, sem mais adornos nem subterfúgios, quando Marta lhe perguntou de que iria viver, Não tenho trabalho. Nesta mesma estrada, neste mesmo lugar, como no dia em que vinha do Centro com a notícia ²⁰de que não lhe comprariam mais louça (...). O motor da furgoneta⁴ cantou a canção do regresso ao lar, o condutor já via as frondes⁵ mais altas da amoreira, e de repente, como um relâmpago negro, o Achado veio lá de cima, a ladrar, a correr pela ladeira abaixo como se estivesse enlouquecido (...). Abriu a porta da furgoneta, de um salto o cão subia-lhe aos braços, sempre era certo que seria ele o primeiro, e lambia-lhe a cara e não o deixava ver o caminho (...).

(SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.)

Vocabulário:

1 directamente – grafia portuguesa para “diretamente”

2 amanhada – arranjada, adornada

3 à desbanda – ao lado

4 furgoneta – veículo de passageiros e pequena carga

5 frondes – copas das árvores

02. (UERJ) No texto, o modo de organização discursiva se altera para expressar diferentes intenções comunicativas do narrador: informar, descrever ou narrar; expressar emoções, julgamentos ou opiniões pessoais; aconselhar, ordenar ou interrogar, etc.

Transcreva duas passagens nas quais se faça referência à degradação do meio ambiente: uma que apresente a função referencial – própria das descrições – e outra que apresente a função expressiva – por meio da qual se emitem opiniões pessoais.

03. (UFAL) Graciliano Ramos, em **São Bernardo**, fala várias vezes, por meio da personagem Paulo Honório, sobre a arte de escrever romance _ o que se pode observar na seguinte passagem:

_ Vá para o inferno, Gondim. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fala dessa forma.

(...) Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, Seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios, naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Identifique a função predominante da linguagem exemplificada no texto. Justifique sua resposta.

04. (ACAFE SC) Assinale a alternativa em que os vocábulos equivalem, respectivamente, às expressões: governo dos nobres - inflamação da boca - chefe de facções populares - medo de animais.

- aristocracia - estomatite - demagogo - zoofobia
- democracia - ortodontia - antropófago - nosofobia
- plutocracia - cefalgia - demográfico - cinofobia
- oligarquia - endofagia - democrático - hidrofobia

TEXTO: 3 - Comum à questão: 5

PESSOAS E NUVENS

1º§ Existe gente que carrega no semblante, nos gestos e nas palavras um jeito de nuvem que chove na roseira de cada um de nós. Molham de afeto a nossa convivência. Parecem trazer sobre a cabeça um regador para banhar os amigos e semelhantes. Incitam o lado bom da vida, a criação, a amizade, o companheirismo. Essas são as pessoas que gosto de encontrar quando ando pelas ruas de nossa e outras cidades. É o tipo que ameniza o calor e nos protege do frio. Inteligentes e interessantes, logo bonitos. Chegam e partem sorrindo. A simples presença contagia e o perfume fica quando se vão.

2º§ Outros carregam tempestade e raios, trovões, reclamações e ódio. Gastam todo o seu tempo para maquinizar maldades e desejar que o pior aconteça com os seus desafetos. São minoria, mas têm aptidão para enxergar, no mundo, o lixo e, na humanidade, um exército de adversários e inimigos que devem ser eliminados.

3º§ Seria bom que só existisse gente chuva prazenteira, mas viver em sociedade é complexo e estamos expostos aos chatos e bruxos. São estações inevitáveis, a primavera que traz colheita de frutos e flores e o outono das desesperanças. Confesso que não consigo compreender a razão de alguém somente agir para prejudicar, torcer pela derrota e infelicidade, trabalhar pelo caos. Na cabeça desses eu não entro e nem quero entrar. Tento evitá-los e me proteger de seus projetos de terremotos. Mas é necessário preservar nossas defesas para que não sejamos contaminados.

4º§ Quem reclama já perdeu, dizia o mestre João Saldanha; Quem não se conforma com o sucesso de alguém, e reclama, odeia, xinga e vitupera, perdeu a chance de aproveitar o que a existência tem de bom.



5º§ O mundo não caminha nem nunca caminhou de maneira justa, mas a vida, ah! a vida, é uma aventura deslumbrante que vale a pena ser degustada, em todos os sentidos. Meus olhos se concentram nesse território bendito habitado e irrigado pelos que amo.

(BRANT, Fernando. *Casa aberta*. Sabará, MG: Ed. Dubolsinho, 2012, p.215-216. Texto adaptado.)

05. (FCM MG) O vocabulário foi explicado **INCORRETAMENTE** em:

- irrigado (5º §): regado, molhado.
- incitam (1º§): instigam, impelem.
- vitupera (4º §): estertora, arqueja.
- maquinar (2º§): tramar, conspirar.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 6

Leia o poema "Ilusões da vida", de Francisco Otaviano.

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu,
Foi espectro de homem - não foi homem,
Só passou pela vida - não viveu.

(http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/francisco_otaviano.html. Acesso em 07/07/2016.)

06. (FCM MG) O termo "espectro", no dicionário, tem várias acepções. A que condiz com seu sentido no poema é:

- visão, fantasma.
- coisa vazia, falsa.
- evocação obsedante.
- suposta aparição de um defunto.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 7

Leia o excerto abaixo, adaptado do ensaio *Para que servem as humanidades?*, de Leyla Perrone Moisés.

As humanidades servem para pensar a finalidade e a qualidade da existência humana, para além do simples alongamento de sua duração ou do bem-estar baseado no consumo. Servem para estudar os problemas de nosso país e do mundo, para humanizar a globalização. Tendo por objeto e objetivo o homem, a capacidade que este tem de entender, de imaginar e de criar, esses estudos servem à vida tanto quanto a pesquisa sobre o genoma. Num mundo informatizado, servem para preservar, de forma articulada, o saber acumulado por nossa cultura e por outras, estilizado no imediatismo da mídia e das redes. Em tempos de informação excessiva e superficial, servem para produzir conhecimento; para "agregar valor", como se diz no jargão mercadológico. Os cursos de humanidades são um espaço de pensamento livre, de busca desinteressada do saber, de cultivo de valores, sem os quais a própria ideia de universidade perde sentido. Por isso merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem.

(Adaptado de Leyla Perrone-Moisés, *Para que servem as humanidades?* Folha de São Paulo, São Paulo, 30 jun. 2002, Caderno Mais!.)

07. (UNICAMP SP) As expressões "agregar valor" e "cultivo de valores", embora aparentemente próximas pelo uso da mesma palavra, produzem efeitos de sentido distintos. Explique-os.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 8

QUAL O PODER DA LEITURA NESTES TEMPOS DIFÍCEIS?

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um "espaço em crise". Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem.

Para boa parte deles, no entanto, tais crises se manifestam em transtornos semelhantes. Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato - sem projeto, sem futuro -, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em

olimp



nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma "crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração". "O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades", escreveram Chamoiseau e Glissant, após a passagem de um ciclone. "Quando tudo desmorona ou se vê transformado, são também os rigores ou as impossibilidades que se veem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpados por novas luzes".

A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas?

Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma.

Michèle Petit, **A arte de ler ou como resistir à adversidade.**

São Paulo: ed. 34, 2009.

08. (FGV) Leia o seguinte texto.

Paradoxalmente, o caos em que a humanidade corre o risco de mergulhar traz em seu bojo sua própria e última oportunidade. Por quê? Para começar, porque a proximidade do perigo favorece as instâncias de conscientização, que podem então multiplicar-se, ampliar-se e fazer surgir uma grande política de salvação do mundo. E, sobretudo, pela seguinte razão: quando um sistema é incapaz de resolver seus problemas vitais, ou ele se desintegra, ou é capaz, dentro de sua própria desintegração, de metamorfosear-se num metassistema mais rico, capaz de buscar soluções para esses problemas.

Edgar Morin, <http://www.comitepaz.org.br>

- Apesar do texto acima abordar um tema genérico e o texto anexo, um tema mais específico, é possível identificar no conteúdo de ambos alguma ideia comum? Justifique sua resposta.
- Sem provocar alterações no sentido do texto, que sinônimos poderiam substituir, respectivamente, as palavras "Paradoxalmente" (início do texto) e "metamorfosear-se" (final do texto)?

TEXTO: 7 - Comum à questão: 9

O DIREITO À LITERATURA

¹ Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ² ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde ³ o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das ⁴ grandes civilizações.

⁵ Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os ⁶ homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a ⁷ possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação*. Assim como todos sonham ⁸ todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos ⁹ de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável ¹⁰ deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional está ¹¹ presente em cada um de nós, como anedota, história em quadrinhos, noticiário policial, canção ¹² popular. Ela se manifesta desde o devaneio no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ¹³ ou na leitura seguida de um romance.

¹⁴ Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, ¹⁵ a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade ¹⁶ universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

¹⁷ Podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é ¹⁸ possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem ¹⁹ a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem ²⁰ na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

²¹ Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os ²² seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada ²³ um a presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um ²⁴ instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada ²⁵ um como equipamento intelectual e afetivo.

Antonio Candido

Adaptado de *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

* fabulação – ficção

09. (UERJ) *O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade.* (Refs. 9-10)

a literatura é o sonho acordado das civilizações. (Ref. 17)

O autor emprega a palavra **sonho** com sentidos distintos.

Indique os dois sentidos usados para a palavra **sonho**.

Em seguida, explique a associação feita no segundo trecho entre **sonho** e **civilizações**.



10. (UniRV GO) Compare esses dois fragmentos e marque (V) para as afirmativas verdadeiras e (F) para as falsas.

- I. “[A galinha] curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água; muitas vezes, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ele a sacudia [...]”
- II. O instinto materno está presente em toda mulher.
- a) Existe diferença de sentido entre os dois usos da palavra “toda”.
- b) Em I, toda significa “inteira”.
- c) Em II, toda exprime a ideia de generalização, significando “qualquer mulher”.
- d) Não há diferença de sentido quanto ao emprego da palavra “toda”.